



JORNALISMO

“Se calhar é porque existem mais brancos do que negros no mundo”: regimes de visibilidade de homens negros nas revistas *Men’s Health Portugal* e *Junior*

“Maybe is because there are more white people than black people in the world”:
visibility regimes of black men in the magazines *Men’s Health Portugal* and *Junior*

“Talvez sea porque hay más personas blancas que personas negras en el mundo”:
regímenes de visibilidad de hombres negros en las revistas *Men’s Health Portugal* y *Junior*

Felipe Viero Kolinski
Machado Mendonça¹
0000-0002-8051-126X
felipeviero@gmail.com

Recebido em: 8/12/2019.
Aprovado em: 18/12/2019.
Publicado em: 7/01/2021.

Resumo: Este artigo é resultado de uma pesquisa mais ampla que, inspirada na etnografia e a partir de entrevistas em profundidade realizadas com jornalistas e com profissionais da redação e dos discursos mobilizados em capas, em ensaios fotográficos e em reportagens/textos jornalísticos de *Men’s Health Portugal* e de *Junior*, objetivou perceber quais sentidos acerca das masculinidades, então, eram ali mobilizados. Aqui, de modo mais específico, a atenção se volta aos regimes de visibilidade que enquadram homens negros nessas revistas. A partir de referências bibliográficas que dizem dos gêneros/masculinidades, das identidades e das diferenças e das identidades negras, pergunta-se: quais lugares, a partir de seus discursos, as revistas *Men’s Health Portugal* e *Junior* reservam aos homens negros? O apagamento desses corpos ou, mais especificamente no caso de *Junior*, uma visibilidade regulada (hipersexualização do homem negro) são algumas das principais conclusões.

Palavras-chave: Masculinidades negras. Revistas *Junior* e *Men’s Health Portugal*. Entrevista.

Abstract: This article is the result of a research that, inspired by ethnography and through interviews with journalists and editorial professionals and the discourses mobilized in covers, photographic essays and in journalistic articles of *Men’s Health Portugal* and *Junior*, tried to understand which meanings about masculinities were mobilized there. Here, more specifically, the attention is focused on the regimes of visibility that frame black men in these magazines. From bibliographical references about gender/masculinities, identities and differences and black identities, it is asked: which places, from their discourses, *Men’s Health Portugal* and *Junior* magazines reserve for black men? The erasure of these bodies or, more specifically in *Junior’s* case, a regulated visibility (hyper-sexualization of the black man) are some of the main conclusions.

Keywords: Black masculinities. *Junior* and *Men’s Health Portugal* Magazines. Interview.

Resumen: Este artículo es el resultado de la investigación que, inspirada en la etnografía e en vista de las encuestas mantenidas con los periodistas y profesional de la escritura y discursos movilizó cubiertas, ensayos y artículos de fotos / historias de noticias de Salud de los Hombres Portugal y Junior, tuvo como objetivo comprender qué camino sobre las masculinidades, entonces, eran allí movilizadas. Aquí, de modo más específico, la atención se vuelve a los regímenes de visibilidad que encuadran hombres negros en esas revistas. A partir de las referencias que dicen los géneros / masculinidades, de las identidades y las diferencias e identidades negras, nos preguntamos: que sitúa a partir de sus discursos, revistas Salud de los Hombres Portugal y reserva de junior a los



¹ Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Mariana, MG, Brasil.

hombres negros? El borrado de esos cuerpos o, más específicamente en el caso de Junior, una visibilidad regulada (hiper sexualización del hombre negro) son algunas de las principales conclusiones.

Palabras clave: Masculinidades negras. Revistas *Junior* y *Men's Health Portugal*. Encuesta.

Introdução

O texto ora em tela inscreve-se em uma pesquisa mais ampla que, à época, visava a perceber como as revistas *MH Portugal* e *Junior* movimentavam/construíam sentidos acerca das masculinidades. Nesse trabalho anterior foram realizadas entrevistas em profundidade com todos os profissionais que, à época, trabalhavam em ambas as redações (editores, jornalistas e fotógrafos)² e, para além dessas falas, foram igualmente estudadas reportagens e ensaios fotográficos publicados nas duas revistas.³ Metodologicamente, é importante ressaltar, essa pesquisa mais ampla (a partir da qual esse texto foi produzido), inspirava-se na etnografia (GEERTZ, 2008), tomava as entrevistas em profundidade com jornalistas e com profissionais da redação como lugar potente de obtenção de informações sobre os saberes que circulam nesses espaços (MAROCCO, 2012) e, ainda, relacionava tais elementos aos textos/imagens do *corpus* que, então, dialogassem com as inquietações da pesquisa. Ainda que devedor desses diversos lugares, contudo, o desenho metodológico da pesquisa, em diálogo com as proposições de Martín-Barbero (2002), almejava realizar aquilo que o autor designava, em ofício de cartógrafo, como invenção, ou seja, a uma possibilidade de "indisciplinar os saberes frente às fronteiras e aos cânones" (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 11)

tornando a escrita uma forma de expressividade conceitual e mobilizando aquilo que pode ser pensado como uma imaginação categorial. Naquele momento foram observadas, a partir de referenciais teóricos advindos dos estudos de gênero/feministas, dos estudos sobre masculinidades, e dos estudos sobre sexualidade/teoria *queer*, quatro categorias,⁴ as quais diziam sobre os lugares permitidos e interditados aos corpos masculinos e, para além delas, foi possível constatar que, ao passo que tais publicações, enquanto dispositivos discursivos das masculinidades (KOLINSKI MACHADO, 2018), diziam sobre o que era ser homem/ser *gay*, instituía-se toda uma margem que seccionava, de um lado, quais corpos deveriam pesar e, de outro, quais vidas não mereciam o mesmo status (BUTLER, 1993).

No escopo daquela pesquisa observou-se que, para além de uma valorização de uma masculinidade hegemônica (CONNELL, 2003) e da constituição de corpos hiperbólicos e viris enquanto detentores de poder, igualmente fazia-se necessário demarcar quem seriam os outros. Esses outros, homens/*gays* distantes desse lugar de força e de potência, tanto em *MH Portugal* quanto em *Junior*, de modo geral, ou eram sujeitos pouco másculos/fortes, ou eram sujeitos velhos (e, portanto, distante de um corpo espetacular (COSTA, 2005), ou, de fato, eram homens negros (aspecto no qual me concentrarei neste texto).

Desde o subtítulo deste artigo fala-se em regimes de visibilidade. Richard Miskolci (2014, p. 62), no escopo de reflexões sobre sexualidade e, mais especificamente, sobre homossexualidade masculina, aponta que regime de visibilidade seria uma noção que traduziria "uma relação de poder sofisticada, pois não se baseia em proibições di-

² Os profissionais de *Junior*, entrevistados em 2014, foram Hélio Filho (editor e *publisher*), Felype Falcão (repórter e anteriormente editor), Gabriel Lucas (fotógrafo), Gean Gonçalves (repórter), Irving Alves (repórter) e Nelson Neto (repórter). Os profissionais de *MH Portugal* entrevistados, em 2015 e em 2016, foram Pedro Lucas (diretor), Ana Dória (repórter), Gonçalo Claro (fotógrafo), João Parreira (repórter) e Tiago Varzim (repórter). Cabe ressaltar que todos assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, concordando com a utilização das informações obtidas, bem como com a divulgação de seus nomes verdadeiros, para a realização de produções de caráter acadêmico-intelectual.

³ O *corpus* mobilizado nesta pesquisa consiste em 30 edições não contínuas de *Junior*, as quais representam cerca de 50% do total de revistas veiculadas (ao todo foram 66) entre 2007 e 2015 (período de existência da publicação). Em *MH Portugal*, por outro lado, os exemplares acessados referem-se aos que foram veiculados ao longo de minha estada em Lisboa (12 meses) e, da mesma forma, aos que foram mencionados em entrevistas e que conseguimos acesso (outras duas edições).

⁴ As categorias em questão são: *Gozando em frente ao espelho: chegou a sua vez de pavonear um corpo espetacular; Cópia da cópia: performando o masculino como um eterno Drag King; Porque o tamanho e a quantidade importam: sobre como ser um verdadeiro predador sexual* e *Vidas para além do centro: possibilidades e impossibilidades da existência e da compreensão dos outros corpos*. Mais detalhes acerca desta pesquisa podem ser obtidos em Kolinski Machado (2018).

retas, antes em formas indiretas, mas altamente eficientes, de gestão do que é visível e aceitável na vida cotidiana". Dessa maneira, falar em regimes de visibilidade seria, invariavelmente, falar em regimes de conhecimento, uma vez que "o que é visível e reconhecido tende a estabelecer as fronteiras do pensável" (MISKOLCI, 2014, p. 62). Acredita-se que aqui tal noção seja igualmente operativa. Entre o pouco mostrar e o completo silenciamento, os corpos negros, quando apareciam nessas revistas, em geral o faziam a partir de lugares específicos e, de modo constante, a partir de alguns rótulos que serão abordados ao longo desse texto. O título do presente artigo, por sua vez, evoca uma das falas mais contundentes e emblemáticas coletadas, acerca do assunto, em meu campo. Ao ser questionado do porquê em 15 anos de veiculação, *MH Portugal* havia trazido apenas três homens negros em suas capas (portanto três capas, em um universo de cento e oitenta), Pedro Lucas (2015), branco, heterossexual, cisgênero e diretor da revista, afirmou: "se calhar é porque existem mais brancos do que negros no mundo".

Masculinidades negras: identidades, diferenças e lugares de poder em tensão

Judith Butler ao empreender sua discussão acerca dos sexos e dos gêneros, dos corpos e das vidas, chama a atenção para um movimento que, ao delimitar quem está dentro da norma, sendo englobado por um invólucro que segrega integrados e excluídos, e quem não está, define quais vidas são dignas de pranto e quais não são. O peso dos corpos, nesse cenário, será conferido, proporcionalmente, mediante distanciamento das bordas que separam as vidas que importam daquelas tidas como abjetas (KRISTEVA, 1982). Igualmente, nesse sentido, Butler (1993) lembra que ao mesmo tempo que daquele lugar o indivíduo, reconhecido como tal, deve manter distância para, efetivamente, ser compreendido como cidadão, esse exterior tem um papel constitutivo da identidade que é dominante, afinal, tal qual lembra Stuart Hall (2000), a identidade é estabelecida

também pela diferença. Para saber aquilo que se é, há que se definir do mesmo modo aquilo que não se é ou aquilo que não se deseja ser. Como construções discursivas, faz-se necessário salientar que as identidades são contraditórias e inconsistentes, que são relações abertas e atos performativos inacabados, sendo frutos de disputas em torno do poder, da significação e da representação (SILVA, 2000).

No que tange às masculinidades, Raewyn Connell (2003) sugere que se pense o "outro" masculino a partir de duas categorias. Ao falar em uma masculinidade subordinada, Connell (2003) faz referência a uma dominação que se dá, especificamente, entre homens. De modo verticalizado, tendo em vista as posições então ocupadas pelos sujeitos, Connell (2003) argumenta que, nesse lugar de subalternidade, sejam percebidos os homossexuais que, por uma série de práticas, estariam relegados a um lugar inferior. Connell (2003, p. 121, tradução nossa), também, aponta uma masculinidade que percebe como marginalizada, tendo em vista, primordialmente, questões étnico-raciais. "As relações raciais também podem chegar a ser parte integral da dinâmica entre as masculinidades. Em um contexto de supremacia branca, as masculinidades negras desempenham papéis simbólicos para a construção do gênero dos brancos".⁵

Ainda que compreenda que o termo marginalização se distancia do ideal, Connell (2003) o considera capaz de explicitar uma forma de autoridade que se dá a partir de um lugar de poder instalado (masculinidade hegemônica) em relação a grupos específicos aos quais são relegados lugares de dominação (masculinidades subordinada e marginalizada). Trata-se, pois, de uma relação dinâmica, abrangente e que, historicamente, situa os corpos masculinos em lugares muito distantes, garantindo, ao longo desse processo, posições de poder muito díspares. Embora homens colham dividendos patriarcais (CONNELL, 1995), nem todos o fazem do mesmo modo. Diferentes homens se reportam

⁵ Do original: Las relaciones raciales también pueden llegar a ser parte integral de la dinámica entre las masculinidades. En un contexto de supremacia blanca, las masculinidades negras desempeñan papeles simbólicos para la construcción del género de los blancos.

às masculinidades de formas particulares, a partir de lugares que não são os mesmos.

Trabalhos produzidos por intelectuais feministas negras, tais como Angela Davis (2016) e Bell Hooks (1995, 2000), por exemplo, geraram uma importante ruptura, justamente, ao expor que, para além do gênero, elementos como etnia e classe social são fatores essenciais que atravessam e que constituem, conjuntamente, os lugares possíveis de serem ou não ocupados pelos indivíduos. A noção de interseccionalidade, portanto, torna-se fundamental de ser retomada. Seguindo as pistas de Djamila Ribeiro (2016) é possível constatar que, ainda que várias feministas negras já se valessem de análises interseccionais para explicitar diversos mecanismos de opressão, o conceito apenas teria sido cunhado em 1989, por Kimberlé Crenshaw. "A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação" (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Na esteira dessas reflexões, diferentes trabalhos, ao voltarem sua atenção às masculinidades negras, evidenciam como, em tal conjuntura, o tornar-se homem passa, igualmente, por questões relativas à etnia (STAPLES, 1982; LEMELLE, 2010). Mônica Conrado e Alan Ribeiro (2017, p. 90) propõem, a partir de textos específicos de Bell Hooks e de Patricia Collins que abordam as masculinidades negras, que a interseccionalidade constitui-se em lugar importante para pensar a identidade do homem negro. "As masculinidades negras se constituem em processo constante, dinâmico, revitalizador, marcadas por ambiguidades e contradições; descontinuadamente em um jogo de resistência e subalternização dos homens negros nas práticas de gênero entre homens".

Em se tratando daquilo que pode ser constatado a partir do campo empreendido junto às revistas *MH Portugal* e *Junior*, observou-se que ambas as publicações relegam determinados espaços àqueles que tomam como sendo os "outros" ou, em algumas situações, apenas os apagam de seu discurso. Ao calar e ao não dar voz/visibilidade a determinadas configurações de

masculinidades, as revistas hetero e homossexual estudadas dizem quais corpos, em seus discursos e práticas, importam e quais não importam. Ao produzir essa visibilidade, sob determinadas circunstâncias, da mesma maneira, elas apontam como esses sujeitos devem ser percebidos e englobados em uma lógica social e política que é hierárquica e verticalizada. Pergunta-se, pois: aproximando-se de Miguel Vale de Almeida (1995, p. 17), que concebe a masculinidade como "um processo construído, frágil, vigiado, como forma de ascendência social que pretende ser", quais lugares, a partir de seus discursos construídos/mobilizados, as revistas *MH Portugal* e *Junior* reservam aos homens negros?

MH Portugal e Junior enquanto dispositivos discursivos das masculinidades

Marcia Benetti (2013) lembra que ao passo que o jornalismo, de modo mais amplo, estabelece uma ordem hermenêutica, contribuindo para gerar quadros interpretativos, as revistas, de maneira particular, ao instaurarem o conhecimento da experiência, "indicam modos de vivenciar o presente, seja pelo estímulo à experimentação ou pela identificação com a experiência de outro, seja pelo conhecimento do que cerca a experiência" (BENETTI, 2013, p. 46). O jornalismo de revista, ainda, trabalha com uma ontologia das emoções, quer dizer, para além da informação em si, ele visa a construir um vínculo afetivo com o leitor em questão. "Aquilo que leio, a revista que assino, a informação que me mantém conectado ao tempo presente ("meu" tempo, "minha" sociedade, "meus" desejos)" constituem indicadores de minha concretude" (BENETTI, 2013, p. 47). É possível, portanto, perceber que o jornalismo, pela credibilidade associada ao seu discurso, produz conhecimento acerca do tempo presente tendo em vista uma ideia de adequação, a partir de um lugar de fala que diz aos sujeitos as formas corretas de se viver. "Ao final, esses parâmetros são o grande conhecimento produzido pelo jornalismo; no caso das revistas, são guias normativos de comportamento [...] e guias incessantemente renovados de estilo e

de gosto" (BENETTI, 2013, p. 47). É inspirando-se nas reflexões de Rosa Maria Bueno Fischer (2002), acerca do dispositivo pedagógico da mídia, que se propõe que as revistas aqui estudadas operam como dispositivos discursivos das masculinidades, ou seja, "como aparatos que, inseridos em determinada ordem discursiva, dão a ver quais são as possibilidades (e as impossibilidades) de ser e de estar no mundo enquanto gay/homem heterossexual" (KOLINSKI MACHADO, 2018, p. 118).

A revista *MH* foi fundada em 1987, nos Estados Unidos. Atualmente é a maior revista masculina do mundo, possuindo trinta e oito edições e estando presente em sessenta e dois países. Estima-se que seu público leitor ultrapasse a marca dos vinte e cinco milhões de pessoas (Men's Health, 2018). Em Portugal a revista existe desde 2001, sendo, à época da pesquisa, publicada pelo Grupo Motorpress. Ainda que voltada a um público heterossexual, e ainda que traga o sexo como um forte elemento de sua receita, *MH*, ao ser lançada, rompe com um lugar predeterminado às mídias segmentadas masculinas ao promover um deslocamento do desejo que passa, prioritariamente, do corpo da mulher (nesse nicho, em específico, ainda mais sexualizado) para um corpo masculino que deve ser almejado/construído pelos leitores (JANUÁRIO, 2009; DUARTE, 2012). Tal qual é apresentada na versão portuguesa de seu *Media Kit*, *MH* é uma revista sobre homens, para homens, escrita para os ajudar a melhorar a qualidade de vida com informação prática e positiva. Pedro Lucas (2015), diretor da revista, menciona o *fitness*, a nutrição, o sexo, a carreira e a moda/cuidado pessoal como sendo os pilares sobre os quais se sustentaria a versão portuguesa de *MH*. Acerca de seu público, pesquisas expostas no mesmo documento, apontam que eles possuiriam uma média etária entre 18 e 44 anos, que pertenceriam às classes A, B e C1 e, naquilo que se refere às profissões, integrariam quadros médios superiores, sendo trabalhadores qualificados e empregados de serviços e de comércio (MEDIA KIT *Men's Health Portugal*, [2015]).⁶

Os profissionais de *MH Portugal* entrevistados, em Lisboa, entre 2015 e 2016, eram todos brancos e heterossexuais. Havia apenas uma mulher que trabalhava na redação, a repórter Ana Dória.

A revista *Junior*, por sua vez, foi fundada em 2007, e no instante do encerramento de suas atividades, em 2015, correspondia à única revista impressa, de caráter jornalístico, voltada ao público *gay* no Brasil. A revista, de maneira geral, era constituída por ensaios fotográficos (eróticos, mas não pornográficos, conforme ressaltou, à época, seu editor e *publisher*, Hélio Filho (2014)) e por reportagens e textos jornalísticos que versavam sobre assuntos considerados pertinentes ao público leitor. Esses materiais abordavam lugares plurais como saúde/estética, comportamento/moda, sexualidade e política. Havia ainda editoriais recorrentes como *test drive* e *sex drive* nas quais experiências inéditas e/ou sexuais eram vivenciadas pelos repórteres e narradas aos leitores. Tendo em vista a leitura e a análise de suas edições, o acesso a diferentes trabalhos que também voltaram sua atenção a ela (MENDONÇA, 2012; FEITOSA, 2014) e, ainda, as entrevistas realizadas com os profissionais envolvidos em sua produção, observou-se que, por mais que tenha passado por diferentes grupos editoriais e ainda que tenha sido editada e produzida por distintos profissionais, algumas de suas características se mantiveram ao longo dos anos. Voltando-se, de modo mais específico, a um público *gay* com poder aquisitivo mais elevado (ainda que na forma de um leitor ideal), a revista, majoritariamente, ao abordar aquilo que compreendia como 'universo *gay*', dizia de um conjunto de práticas e de vivências e de um tipo de masculinidade, de estética e de corpo bem específicos. Os profissionais de *Junior* entrevistados, em São Paulo, em 2014, eram todos *gays* e, com exceção do repórter negro Irving Alves, todos os demais declararam-se brancos.

Aqui, acredita-se, é cabível que se faça uma elucidação no que se refere à aproximação de duas revistas que, para além de guardarem muitas

⁶ Disponível em: <http://www.globalmediagroup.pt/marcas/media/revistas/mens-health/>. Acesso em: 4 jun. 2015.

diferenças entre si, são produzidas e veiculadas em distintos países. Vale salientar que, apesar de não existir uma negação da importância desse contexto, bem como dos contextos em que vivem os sujeitos acessados, indo ao encontro de Connell (2016, p. 94), as masculinidades são percebidas como "padrões socialmente construídos de práticas de gênero", os quais seriam criados "por meio de um processo histórico e com dimensões globais" (CONNELL, 2016, p. 94). Não se trata, então, de apagar as especificidades do local e daquilo que lhe é particular. A proposta, contudo, seria compreender que as masculinidades podem ser analisadas em diferentes níveis: o local, que faria referência às interações face a face; o regional, que diria de uma masculinidade que se constrói no nível da cultura ou do estado-nação e, finalmente, o global, que se dá em arenas transnacionais e na mídia (caso específico deste trabalho).

Os homens negros em *MH Portugal* e em *Junior*

Em junho de 2015, em entrevista com Pedro Lucas, diretor de *MH Portugal*, dentre variados aspectos, abordou-se o apagamento de homens negros na publicação. Antes de se questionar, especificamente, sobre essa questão, as perguntas feitas giraram em torno do igualmente perceptível apagamento de discussões acerca da homossexualidade (ou de uma sexualidade que não fosse a heterossexual) e, ainda, sobre a possibilidade de um homem transgênero ocupar, em algum momento, o privilegiado espaço da capa da edição. Esse último questionamento justificava-se, à época, em função da edição estado-unidense da revista, em concurso realizado para que leitores pudessem ser escolhidos como

"homens da capa", ter tido, entre os finalistas, Aydian Dowling, um homem trans. A resposta de Lucas (2015) foi a seguinte:

[...] não há nenhum preconceito. Se ganhar eu acho muito bem. Ano passado foi um militar amputado quem ganhou. Portanto acho que também é uma resposta da MH. Falar para todos, sem preconceitos. E aí, se ganhar, acho muito bem. Se for o corpo ideal, se estiver preparado fisicamente, se tiver a beleza do homem, se reunir os parâmetros da revista, estou nas tintas se é hetero, se é gay. Eu próprio já tive pessoas na capa que são assumidamente gays e não tive qualquer problema com isso (LUCAS, informação verbal).⁷

Tendo em vista a presente resposta, a qual dava a ver uma confusão naquilo que se refere às identidades de gênero e à orientação sexual, tentei explicar ao entrevistado o que seria um homem transgênero e o que seria um homossexual. A resposta de Lucas (2015), mais uma vez, apesar de negar qualquer forma de preconceito, expõe o que pode ser percebido como ignorância. Não ignorância como um sinônimo de falta de conhecimento, mas ignorância como uma das formas possíveis de se conhecer algo. "Lá está. A revista de cada país faz o que quiser. Eu, da minha parte, não tenho qualquer preconceito. Preto, branco, chinês, transexual ou não" (LUCAS, 2015, informação verbal).⁸ Entre os doze meses em que estive em Lisboa e, portanto, período em que acompanhei a versão portuguesa de *MH*, apenas em uma edição um homem negro foi capa da revista. O atleta português Nelson Évora foi capa da edição de outubro de 2015. As falas de Pedro Lucas (2015), entrevistado em junho de 2015 e, por conseguinte, antes da capa de Évora, bem como a fala de Gonçalo Claro (2016), fotógrafo que fez o ensaio do atleta, são então relevantes de serem acionadas.

⁷ Entrevista concedida ao autor em junho de 2015, em Portugal.

⁸ Entrevista concedida ao autor em junho de 2015, em Portugal.

Imagem 1 – Capa de Nelson Évora



Fonte: *Men's Health*. Lisboa: Editora Motorpress. Ano 15, ed. 172, 2015.

Isso porque há um rótulo, que é mundial, de que negros na capa não vende. Das duas vezes em que fizemos isso, aqui, se calhar apenas duas vezes porque não achei que tivesse alguém mais que fosse inspirador, a revista vendeu normalmente. Uma delas foi Nani, jogador do *Sporting* e do *Manchester* (certo, mas ele era famoso né?) Mas já fizemos também com negros anônimos [...] (LUCAS, 2015, informação verbal).⁹

Não podemos ser hipócritas e dizer que o racismo não existe porque ele existe [...]. É muito raro se ver pessoas de cor em capas de revista. E foi uma medida inteligente do Pedro colocar o Nelson Évora na capa [...] Foi o que disse ao Pedro: "Foi ótima tua ideia". Foi uma recompensa para um atleta português, uma forma de quebrar as barreiras com as pessoas que tem essa mentalidade quadrada. Se calhar, é

o que dizia ao Lucas. "Está certo, façamos isso mesmo" (CLARO, 2016, informação verbal).¹⁰

Ainda sobre a pequena quantidade de negros nas capas da edição portuguesa de *MH* (três vezes, em quinze anos de revista, segundo seu diretor), Lucas (2015, informação verbal)¹¹ sugere, tal qual já exposto, que talvez essa disparidade se devesse ao fato de que haveria "muito mais brancos do que negros no mundo" e de que, em Portugal, haveria "poucos negros".

Ao não perceber as diferenças que existem entre identidade de gênero e orientação sexual, ao horizontalizá-las, em sua fala, realizando

⁹ Entrevista concedida ao autor em junho de 2015, em Portugal.

¹⁰ Entrevista concedida ao autor em junho de 2016, em Portugal.

¹¹ Entrevista concedida ao autor em junho de 2015, em Portugal

uma aproximação dessas com a questão étnica, como se uma simplificação dessa ordem fosse possível, e no momento em que, ao falar sobre o apagamento de homens negros nas capas de *MH Portugal*, apontar que acredita que isso se deva ao fato de que haveria mais brancos do que negros no mundo, Lucas (2015) explicita que ignora toda uma realidade que se distancia daquela com a qual ele está familiarizado. Uma ignorância que deve ser compreendida como um efeito de conhecimento (BRITZMAN, 1996). Sedgwick (citada por BRITZMAN, 1996, p. 91), então, sobre essas ignorâncias, dirá que elas "longe de serem segmentos da escuridão original, são produzidas por conhecimentos particulares, correspondem a conhecimentos particulares e circulam como parte de regimes particulares de verdade".

Louro (2004), em direção semelhante, percebe a ignorância como uma espécie de resíduo do conhecimento e como sendo o resultado de uma produção de determinada verdade. No seu entender, existem, por certo, conhecimentos em relação aos quais há uma "recusa" em se aproximar; "conhecimentos aos quais se nega acesso, aos quais se resiste [...] Há coisas e há sujeitos que são impensáveis no interior de uma determinada cultura".

Faz-se necessário ressaltar que a fotografia de capa garantiu a Nelson Évora, ainda, uma entrevista e um ensaio fotográfico que ocuparam, nessa mesma edição, quatro páginas. Face a um histórico de parca visibilidade de homens negros em suas capas, *MH Portugal*, ao trazer um atleta negro de alta performance, reconhecido internacionalmente, em momento algum incluiu, em suas perguntas, qualquer menção à identidade negra do fotografado/entrevistado. A entrevista, realizada pelo diretor Pedro Lucas, bem como o seu texto introdutório, ao não mencionar a questão, produz, por conseguinte, um esvaziamento político que, mais uma vez, mantém a discussão acerca das masculinidades negras em silêncio.

Acordei ainda o dia não tinha amanhecido. A ansiedade tirou-me a qualidade de sono. É que se aproximava o momento de ir ter com Nelson Évora para o entrevistar e fotografar. Tamanha responsabilidade para um atleta que sempre

admirei pela entrega, persistência e humildade. Assim que nos encontramos, sentamo-nos mesmo na sala de *make-up* e começamos a conversa. Descontraído, o triplo saltador que se define como um atleta determinado e perfeccionista, revelou-me de imediato algumas características que os seus amigos próximos já me haviam confessado: alegre, positivo e bem-disposto. Mas a conversa teria de começar pela fase mais difícil da carreira do atleta, a lesão grave que o afastou da competição durante cerca de dois anos (LUCAS, 2015, p. 35).

Para além dessa capa, percebeu-se a presença de homens negros em *MH Portugal*, de modo residual e minoritário, em anúncios publicitários ou em imagens aleatórias que objetivavam ilustrar os treinos que eram então apresentados/explicados. De maneira geral, contudo, o que se constatou foi um quase que completo apagamento desses sujeitos.

Orlandi (2007), ao abordar os movimentos dos discursos, postula que no processo de errância dos sentidos, todo o dizer estabelece uma relação fundamental com o não dizer. Esse *non sense* incapaz de ser proferido e essa incompletude que se dá ao longo do processo, na verdade, consistiriam, para além de elipses, em um elemento que é central, referindo-se às complexas dinâmicas de poder que atravessam e que constituem a significação. O silêncio é, pois, a própria condição da produção de sentido. "Assim, quando dizemos que há silêncio nas palavras, estamos dizendo que elas são atravessadas de silêncio; elas produzem silêncio; o silêncio fala por elas; elas silenciam" (ORLANDI, 2007, p. 14).

Ao passo, portanto, que *MH Portugal*, de modo didático, ensinava seus leitores sobre como tornar-se (e manter-se) homem, ao não incluir os homens negros em seus discursos, ao reduzi-los ao espaço dos silêncios, a revista, tanto em seus ensaios e capas quanto em suas reportagens e textos, igualmente, apartava esse homem ideal, detentor de uma masculinidade hegemônica, de qualquer identidade étnica que não fosse a branca.

Em *Junior*, igualmente, na medida em que são ensinados os modos de ser e de estar no mundo, sendo *gay*, criam-se bordas dentro das quais os corpos devem estar circunscritos. No discurso da única revista homossexual impressa, de ca-

ráter jornalístico, então produzida e veiculada no Brasil, os corpos mais valorados, aqueles que reuniriam em si as condições necessárias para que o desejo fosse estabelecido, deveriam ser aqueles assinalados por uma performance de gênero viril. Nesse sentido, vivências de gênero pouco másculas, ainda que, tal qual se percebeu em campo, tais vivências fossem a realidade de alguns dos sujeitos produtores desses discursos, eram então aquilo que se deveria evitar. O ponto não seria não ser homossexual, tendo em vista que era esse o público para o qual a revista se direcionava, mas, especialmente naquilo que se refere aos sentidos produzidos nos ensaios fotográficos, não parecer sê-lo.

Sobre a presença pouco expressiva de negros nas capas de *Junior*, Hélio Filho (2014) salienta que ela se inscreve, na verdade, em um padrão estético dominante que é o eurocêntrico. Irving Alves (2014), repórter negro entrevistado, afirma que, inclusive em função dessa lógica, o homem brasileiro se via, poucas vezes, identificado com os homens construídos na revista.

Meu namorado é mulato [sim, mas eu não quis acusar você de racismo] sim, sim, quis dizer que estou cercado por negros [...] as capas da *Junior* tem um "quê" atrás delas. Já convidamos o Jonathan Haagensen, ator da *Globo*, que é uma delícia, é lindo [...] Já convidamos o Hulk, jogador da seleção brasileira [...] mas eles não topam, a gente não paga o modelo né. Você vai encontrar modelo negro na capa do beijo, que por si só já é uma capa transgressora [...], a gente tem negro aqui, na capa dos variados tipos de beleza [...] Mas acontece uma coisa que é o fato de que o padrão de beleza dominante é branco, é malhado [...] é a mesma justificativa, por exemplo, para não ter uma pessoa muito gorda na capa [...] a gente segue um padrão de consumo e de beleza, que é eurocêntrico. Mas estamos falando de capa. [...] Ausência na capa não significa ausência na revista (HÉLIO FILHO, 2014, informação verbal).¹²

Acredito que a *Junior* peca um pouco na questão étnica. Desde que a revista nasceu, há pedidos e comentários recorrentes sobre o baixo número de modelos negros ou de outras etnias. Supostamente, o homem branco vende mais que o negro, o asiático ou o índio, mas pessoalmente eu acredito que essa é uma daquelas máximas do mercado editorial que as pessoas repetem feito papagaio, sem ao

menos se arriscar para ver se tal máxima realmente se aplica. Eu entendo que deve existir a preocupação em vender e em conquistar anunciantes, mas por outro lado, pensar fora da caixa e assumir riscos também deve fazer parte de um veículo que, por estar atualmente sozinho no país falando para homens gays, poderia ser mais subversiva nesse aspecto. Acho que o homem brasileiro, aquele do mundo real, se viu nas capas e ensaios da *Junior* pouquíssimas vezes (ALVES, 2014, informação verbal).¹³

Ao longo de suas sessenta e seis edições produzidas, *Junior* trouxe, em suas capas, homens negros em apenas cinco situações. Nesses cinco casos, contudo, os homens negros nunca estavam sozinhos, sendo sempre acompanhados por um ou mais homens brancos. A edição de número quarenta e três (setembro de 2012) trouxe, em sua capa, nove modelos, em um ensaio especial. Todos eram jovens e musculosos e, com exceção de um deles, todos eram brancos. Essa capa, entretanto, é importante ressaltar, tinha um formato duplo, ou seja, consistia em uma capa estendida cuja segunda metade vinha dobrada, voltada para dentro. O único homem negro, dentre os nove modelos, estava na parte interna. Outras edições que também apresentaram homens negros em suas capas foram as de número quarenta e cinco (novembro de 2012) e quarenta e nove (março de 2013). Ambas, entretanto, guardavam uma particularidade. Ao desenvolver capas que julgava "arriscadas", *Junior* produzia duas versões, de modo que o leitor poderia escolher, no momento da compra, aquela capa com a qual ele mais se identificasse. As duas edições supracitadas eram capas "alternativas". A primeira delas, considerada de risco em razão de trazer um beijo entre dois homens, tinha, conforme pode se perceber na Imagem 2, um homem negro, em primeiro plano, sendo beijado por um homem branco, em segundo plano, que encara a câmera de modo sensual. O corpo negro, na frente, com olhos fechados e cabeça voltada para trás, está extremamente sexualizado, quase que ao dispor dos leitores. Internamente, ao serem apresentados, o modelo negro Omoal Pinheiro

¹² Entrevista concedida ao autor em 2014, em São Paulo/SP.

¹³ Entrevista concedida ao autor em 2014, em São Paulo/SP.

é descrito como um “lindo moreno” e como um “típico garoto carioca de praia”.

A segunda capa, alternativa em razão de trazer os variados tipos de beleza, objetivava dar visibilidade a belezas “ditas alternativas mas que são, no fundo, absolutamente brasileiras”, conforme destaca André Fischer (2013, p. 6), fundador da revista, em carta dirigida aos leitores. A capa em questão (Imagem 3) trouxe cinco homens, sendo quatro deles brancos e um negro. Todos têm aparência jovial e máscula e, com exceção de um que é gordo (ou urso, pensando em agrupamentos dentro do universo *gay*), todos possuem músculos visivelmente aparentes. Conforme lembra o repórter Nelson Neto (2014, informação verbal)¹⁴, que estava presente nas reuniões de pauta que

marcaram essa edição, ao ver as fotos, ele teria questionado: “Cadê o magro?”. A resposta teria sido que o magro seria o ruivo. “Não, eu não me sinto representado aí [...] Então assim, até na concepção do que editorialmente é entendido como diversidade das homossexualidades ou a diversidade dos *gays*, ela não é completa”.

Para Nelson Neto (2014), aliás, a dificuldade de perceber o outro e de empreender um exercício de alteridade no jornalismo diria de algo mais amplo, sendo, em sua percepção, advinda de uma própria matriz que é fundante da área. “O jornalismo por essência é uma profissão burguesa [...] o que a gente tem hoje, de jornalistas formados, são sujeitos brancos e burgueses [...] quem é jornalista hoje no país? Não há diversidade nas redações”.

Imagem 2 – Beijo



Fonte: *Junior*. São Paulo: Editorial Mix Brasil. Ano 6, ed. 45, 2012.

¹⁴ Entrevista concedida ao autor em 2014, em São Paulo/SP.

Imagem 3– Pluralidade de belezas



Fonte: *Junior*. São Paulo: Editora Mix Brasil. Ano 7, ed. 49, 2013.

A edição de número sessenta e um (junho de 2014) trouxe, em alusão à Copa do Mundo FIFA 2014, sete modelos usando roupas com as cores azul, verde e amarelo. Desses, um era negro. A edição de número sessenta e cinco (janeiro de 2015) trazia três modelos usando sungas de banho. Um deles era negro.

Ao contrário daquilo que se percebeu em *Men's Health Portugal*, homens negros, em *Junior*, se faziam presentes para além de aparições esporádicas nas capas. Ao longo das edições analisadas, percebeu-se que, ainda que de modo minoritário, imagens de homens negros compunham ensaios fotográficos, anúncios publicitários e, ainda, reportagens e textos jornalísticos, operando muitas vezes como personagens das histórias ali contadas. Tendo em vista as trinta edições analisadas, algumas situações em que homens negros estiveram presentes convêm ser destacadas. A

edição de número oito (janeiro de 2009) trouxe, sob uma seção intitulada *performance*, ao longo de quatro páginas, fotografias nas quais o artista Rick Castro realizava um ensaio com "imagens de cor e magia, em que raiva, alegria e orgulho se misturam com glitter e luz" (BLACK POWER, 2009, p. 47). Para além desse caso, onde, nas palavras do texto que acompanhava as imagens, almejava-se realizar "uma homenagem à força desses homens [homens negros]" (BLACK POWER, 2009, p. 47), percebeu-se, de modo recorrente, a menção explícita a sujeitos negros em dossiês (que, na revista, contavam histórias dos leitores e/ou versavam sobre um tema específico) e em reportagens nas quais eles surgiam como personagens. "Fora do armário, dentro da cela" (edição número quatro), que abordava o cotidiano de prisioneiros homossexuais no Brasil; "Quanto vale" (edição número dezoito), que contava a saga de

três repórteres os quais, passando-se por garotos de programa, descreviam as suas experiências; e "No banheirão dos estádios" (edição número quarenta e dois), em que três repórteres foram a jogos de futebol a fim de experimentar/dizer sobre o que acontece nos banheiros masculinos dos estádios durante as partidas, são alguns desses e servem, portanto, de ilustração.

Fiquei interessante, porque eu era discreto, ficava na minha, não ficava dando pinta. Até que um cara da faxina – grupo de líderes da cadeia – um **negão incrível, lindo, começou com uns olhares para mim** [...] E eu fui resistindo o quanto deu. Porque eu não queria me relacionar, na verdade. Aí chega um **negão lindo e começa a te paquerar** ... Ninguém é de ferro (CIA, 2008, p. 104, grifo do autor).

Fiquei conversando com Júnior, 22 anos, **mulato de braços fortes**. Ele me disse que veio a São Paulo para estudar, morava em São José do Rio Preto mas queria "fazer uns cursos aqui" [...] Um Citroen C3 de cor escura para e nós dois nos aproximamos para ver um homem de uns 45 anos, inicialmente calvo e com braços peludos. Bem charmoso e educado, super gentil na hora de dizer as coisas. Eu queria mesmo era dizer que eu não era michê coisa nenhuma e que a gente deveria namorar, casar e ter uma casa e um cachorro. **Mas Júnior deu aquela retraída nos músculos dos braços** e o que era o meu namorado por dois segundos não viu mais nada dali adiante (FILHO; OLIVEIRA; ALVES, 2010, p. 56, grifo do autor).

Na fila de espera para usar o banheiro químico, me deparei com **vários tipos que povoam nossas fantasias e desejos**. O local estava completamente lotado e caótico. Um empurra e esfrega que me deixou assustado e ao mesmo tempo mais excitado. Durante a espera percebi que um **moreninho me olhava com cara de safado, retribuí o olhar e ele se aproximou**. Ficou bem atrás de mim e começou a se encostar discretamente, e eu que já estava animado com as latas de cerveja que havia ingerido, permiti que ele se encostasse mais. Percebi que o volume em sua calça aumentava e não me fiz de rogado e pus minhas mãos para trás para poder comprovar a **grandiosidade do fato**. Infelizmente tudo aconteceu muito rapidamente, pois logo chegou minha vez de entrar no banheiro. Quando sai ele não estava mais ali [...] Três homens estavam no banheiro. **Um dos rapazes era meio feioso, mas o outro era super 'fazível': negro, uns 25 anos no máximo, calça de moletom e boné** [...] Foi quando resolvi mandar tudo à favas e praticamente entrei no reservado junto com ele, com as calças até o joelho. 'Fica esperto para ver se vê alguém', me pediu (DIAS; OLIVEIRA; ALVES, 2012, p. 46-47, grifo do autor).

Ainda que com maior visibilidade do que em *MH Portugal*, foi possível constatar que, quando em *Junior*, um dos lugares recorrentes a partir dos quais os homens negros eram acionados era o da hipersexualização. Por mais que a revista elaborasse, continuamente, uma sexualização dos corpos masculinos (dos jovens, dos musculosos e dos másculos, é fundamental destacar), observou-se que, em geral quando eram acionados, esse era prioritariamente o lugar relegado aos homens negros.

Osmundo Pinho (2012), ao abordar as relações que se estabelecem, na pornografia *gay*, entre desejo/masculinidades negras, lembra que essa está, inapelavelmente, atravessada por uma "economia racializada do desejo". Para Pinho (2012, p. 164), a introdução de uma diversidade étnica no interior desse aparato representacional, faria "das inferioridades social e política marcas de um atrativo erótico quase irresistível". Para além disso, segue Pinho (2012, p. 165), "o que é [...] vivido [...] como um traço das interações homoeróticas na sociedade de classes, marcada pela colonialidade do poder e pelo racismo, pode ser, no espaço do imaginário pornográfico, manipulado, teatralizado, hiperbolizado e fetichizado".

O que foi possível perceber, junto à *Junior*, tendo em vista os exemplares acessados e a constatação de uma pequena representatividade frente a uma hegemonia de corpos brancos, foi que, quando representados, os corpos negros não escapavam de um lugar marcado pela reiteração de uma lógica de desejo que é racializada. Ainda que personagens brancas também atravessassem/compusessem a narrativa, elementos como a potência, a força e a virilidade davam o tom, de modo constante, quando os personagens negros (às vezes chamados de morenos, às vezes chamados de mulatos) eram acionados.

Considerações finais

Liv Sovik (2009, p. 55) lembra que "o valor da branquitude se realiza na desvalorização do ser negro". Ao evocar o termo subalterno, Spivak (2010), por sua vez, ressalta que ele se referiria aos integrantes de uma camada social que, excluídos

do mercado e das representações, são impedidos de se tornarem membros de um estrato social dominante. Butler (2015), ao abordar a precarização das vidas, diz de lugares de segregação que conferem a diferentes identidades diferentes pesos. Certos corpos, por conseguinte, valem, em uma lógica que capitaliza sujeitos, mais. Outros, subalternizados, não tem vez, não tem voz e tampouco tornam-se visíveis.

Nesse texto objetivou-se, tendo em vista entrevistas realizadas com jornalistas e com profissionais da redação e os discursos mobilizados em ensaios fotográficos e em reportagens/textos jornalísticos de *MH Portugal* e de *Junior*, perceber o modo como, nesses espaços, se constituíam regimes de visibilidade que, entre o pouco mostrar e o mostrar sob certos lugares, delimitavam as representações de homens negros. Em ambas as revistas foi possível constatar um apagamento desses corpos frente a uma hegemonia branca. Nas duas publicações, a partir das falas de editores/jornalistas/fotógrafos, observou-se a evocação de uma série de lugares que, de modos plurais, tentaram justificar o silenciamento dessas vidas: noções estatísticas equivocadas ("se calhar é porque existem mais brancos que negros no mundo") e receios de um mercado que é etnocêntrico (o "risco" de se trazer um homem negro na capa) foram algumas delas. No que tange a *Junior*, em específico, percebeu-se uma representação quantitativamente mais expressiva, mas que, em muitos casos, reduzia-se a um espaço estereotipado: o homem negro, dentre os "vários tipos que povoam nossas fantasias e desejos" (DIAS, [2014]) era um exótico que excita, que fascina e que estimula. Era um corpo estranho.

Considerando que as masculinidades consistem em construções discursivas, atravessadas por disputas materiais e simbólicas e que representam, em uma lógica patriarcal e heteronormativa, lugares de poder; e que, essas revistas, ao passo que dizem sobre masculinidades, ensinam, didaticamente, aos seus leitores como proceder nesse percurso, face a uma visibilidade tão restrita/controlada dos corpos negros, um novo ponto talvez precise ser acrescido àqueles mencionados

ainda no início desse artigo: para ser um homem de verdade (ou um gay que colhe dividendos patriarcais em uma lógica de cumplicidade (CONNELL, 2003)), há que se ser viril, há que se ser másculo, há que se ser musculoso, há que se ser potente, há que se controlar, sexualmente, outros corpos e, fundamentalmente, há que se ser branco. Para ser visto. Para não ser ignorado. Para poder importar. Para, de fato, poder viver.

Referências

- ALVES, Irving. **Entrevista concedida ao pesquisador**. São Paulo, 2014.
- BARBERO, Jesús Martín. **Ofício de cartógrafo**. Santiago: FCE, 2002.
- BENETTI, Marcia. Revista e jornalismo: conceitos e particularidades. In: TAVARES, Frederico de Mello Brandão; SCHWAAB, Reges. **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013.
- BLACK POWER. **Junior**, São Paulo, Palomino, ano 2, ed. 08, 2009.
- BRITZMAN, Deborah. O que é esta coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. **Educação & Realidade**, [s. l.], v. 21, n. 1, p. 71-96, 1996.
- BUTLER, Judith. **Bodies that matter**: On the discourse limits of sex. New York and London: Routledge, 1993.
- BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CIA, Marcelo. Fora do Armário, dentro da cela. **Junior**, São Paulo, Editora Sapucaia, ano 1, ed. 04, 2008.
- CLARO, Gonçalo. **Entrevista concedida ao pesquisador**. Lisboa, 2016.
- CONNEL, Robert W. **Masculinidades**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Coordinación de Humanidades, Programa Universitario de Estudios de Género, 2003.
- CONNELL, Raewyn. **Gênero em termos reais**. São Paulo: Versos, 2016.
- CONNELL, Robert W. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.
- CONRADO, Mônica; RIBEIRO, Alan Augusto Moraes. Homem Negro, Negro Homem: masculinidades e feminismo negro em debate. **Estudos Feministas**, [s. l.], v. 25, n. 1, p. 73-97, 2017. <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n1p73>.
- COSTA, Jurandir Freire. Notas sobre a cultura somática. In: **O vestígio e a aura**: corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos feministas**, [s. l.], v. 10, n. 1, p. 171, 2002. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

DIAS, Felipe; OLIVEIRA, Eduardo; ALVES, Irving. No banheiro dos estádios. **Junior**, São Paulo, Editora Mix Brasil, ano 05, n. 42, 2012.

DUARTE, Josimar Faria. Representações dos corpos masculinos na revista Men's Health. **Ciências Sociais Unisinos**, [s. l.], v. 48, n. 3, p. 235-247, 2012. <https://doi.org/10.4013/csu.2012.48.3.06>.

FEITOSA, Ricardo Augusto de Sabóia. **Linhas e entrelinhas**: homossexualidades, categorias e políticas sexuais e de gênero nos discursos da imprensa gay brasileira. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2014.

FILHO, Hélio; OLIVEIRA, Nelson; ALVES, Irving. Quanto Vale. **Junior**, São Paulo, Editora Mix Brasil, ano 03, n. 18, 2010.

FILHO, Hélio. **Entrevista concedida ao pesquisador**. São Paulo, 2014.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de se educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, jan./jun. 2002. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022002000100011>.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

HOOKS, Bell. **Feminism is for everybody**: Passionate politics. [S. l.]: Pluto Press, 2000.

HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. **Estudos Feministas**, [s. l.], p. 464-478, 1995.

JANUÁRIO, Soraya Maria Bernardino Barreto. **As masculinidades contemporâneas e a sua representação nos media**: as revistas de estilo de vida masculina Men's Health com edição em Portugal e no Brasil. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2009.

KRISTEVA, Julia. **Powers of horror**. New York: Columbia University Press, 1982.

KOLINSKI MACHADO, Felipe Viero. **Homens que se veem**: masculinidades nas revistas Junior e Men's Health Portugal. Ouro Preto: Editora UFOP, 2018.

LEMELLE JR, Anthony J. **Black masculinity and sexual politics**. [S. l.]: Routledge, 2010. <https://doi.org/10.4324/9780203864227>.

LOURO, Guacira Lopes. Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer como políticas de conhecimento. **Labrys**, estudos feministas, n. 6, 2004.

LUCAS, Pedro. A hora do salto. **Men's Health**. Lisboa, Editora Motorpress, ano 15, ed. 172, 2015.

LUCAS, Pedro. **Entrevista concedida ao pesquisador**. Lisboa, 2015.

MAROCCO, Beatriz. **Entrevista na prática jornalística e na pesquisa**. Porto Alegre: Libretos, 2012.

MEDIA KIT **Men's Health Portugal**. 2015.

MEN'S HEALTH, 2018. Disponível em: <http://www.globalmediagroup.pt/marcas/media/revistas/mens-health/>.

NETO, Nelson. **Entrevista concedida ao pesquisador**. São Paulo, 2014.

MENDONÇA, Carlos Magno Camargos. **E o verbo se fez homem**: corpo e mídia. 1. ed. São Paulo: Intermeios, Casa de artes e livros, 2012.

MISKOLCI, Richard. Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais. **Bagoas-Estudos gays**: gêneros e sexualidades, v. 8, n. 11, 2014.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. [S. l. s. n.]: 2007. <https://doi.org/10.7476/9788526814707>.

PINHO, Osmundo. Race Fuck: representações raciais na pornografia gay. **Cadernos Pagu**, v. 38, p. 159-195, 2012. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332012000100006>.

RIBEIRO, Djamila. Feminismo negro para um novo marco civilizatório. **Sur**, v. 13, n. 24, p. 99-104, 2016.

SILVA, Tomas Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOVIK, Liv Rebecca. **Aqui ninguém é branco**. São Paulo: Aeroplano, 2009.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STAPLES, Robert. **Black masculinity**: The Black male's role in American society. [S. l.]: Black Scholar Press, 1982.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal. **Anuário Antropológico**, [s. l.], p. 161-190, 1995.

Felipe Viero Kolinski Machado

Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), em São Leopoldo, RS, Brasil; professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (PPGCOM/UFOP), em Mariana, MG, Brasil.

Endereço para correspondência

Felipe Viero Kolinski Machado
Universidade Federal de Ouro Preto
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA)
Rua do Catete, 166
Centro, 35420000
Mariana, MG, Brasil